

Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média

Cláudia Teixeira, André Carneiro
(coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

NECRÓPOLE ALTO-MEDIEVAL DA COUDELARIA DE ALTER (Alter Harass high-medieval necropolis)

Jorge de Oliveira (joli@uevora.pt)
CHAIA – Universidade de Évora

RESUMO – Neste texto apresentam-se os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados na Necrópole Alto-Medieval da Coudelaria de Alter e destacam-se os testemunhos das reutilizações detetadas em duas sepulturas.

PALAVRAS-CHAVE – Necrópole, Alta-Idade-Média, Coudelaria, Alter do Chão.

ABSTRACT – In this paper we present the results of the archaeological works made in the High Medieval necropolis in the Coudelaria de Alter, and the reuse of two graves.

KEYWORDS – Necropolis, High Middle Age, Coudelaria, Alter do Chão.

JUSTIFICAÇÃO

O contributo para o presente volume tenta resumir a informação que sobre esta temática já foi anteriormente divulgada em livro (Oliveira, 2006).

A Coudelaria de Alter, situada a cerca de 3 km da Vila de Alter do Chão, ocupa uma área de 850 hectares totalmente murados, nos quais se conhecem mais de 30 ocorrências arqueológicas. Embora maioritariamente os testemunhos conhecidos sejam atribuídos às primeiras comunidades agro-pastoris, conhecem-se também diversas sepulturas escavadas na rocha que foram objeto de investigação durante as campanhas promovidas pela Universidade de Évora e por mim dirigidas na primeira metade da última década do século xx. Os resultados que aqui se apresentam, ainda que já divulgados em 2007, justificam que sejam novamente revistos e discutidos.

Para além da vasta ocupação pré-histórica da Coudelaria, até agora inédita, mesmo para a maioria dos funcionários desta instituição, eram desde sempre conhecidas as várias “pias dos mouros”, que, maioritariamente, se localizam nos afloramentos que ladeiam, à direita, o principal acesso à zona urbana. Clara Oliveira, durante as prospeções que efetuou, registou seis sepulturas escavadas na rocha, algumas antropomórficas. Das seis registadas, cinco, atendendo à sua proximidade e intervisibilidade, podem definir-se como constituindo uma necrópole. A outra, nas proximidades da Casa da Horta, encontra-se mais afastada, podendo não pertencer a este conjunto. Numa das múltiplas visitas aos trabalhos de escavação da Anta da Várzea Grande, o então Diretor da Coudelaria, Dr. João Costa Ferreira, identificou outra sepultura escavada na rocha. Esta situa-se a cerca de cinquenta metros para oeste desta anta. No decurso dos trabalhos de limpeza e escavação que desenvolvemos nas sepulturas identificadas na zona alta da Coudelaria veio a reconhecer-se que a que havia sido denominada por

Clara Oliveira como sepultura VI, afinal tratava-se de uma longa lagareta e que no mesmo afloramento onde identificou a sepultura III, existiam mais duas encobertas por terra. Os trabalhos desenvolvidos nestas sepulturas tinham como objetivo a sua limpeza e registo gráfico. Não seria de esperar que fornecessem outro tipo de informação, como veio a acontecer.

Estes trabalhos decorreram entre 8 e 28 de Abril de 2003.

Os trabalhos iniciaram-se pela limpeza do coberto vegetal, em redor das sepulturas. De seguida procedeu-se à remoção das terras depositadas nos afloramentos e à sequente delimitação dos sepulcros. Limpam-se, também, os musgos e líquenes existentes nesses afloramentos. Concluídos os trabalhos de desaterro e limpeza procedeu-se ao registo gráfico dos sarcófagos e à criação de uma zona de proteção.

Durante a execução destes trabalhos verificou-se a necessidade de se efetuarem diferentes intervenções em cada sepultura, que a seguir descrevemos. A identificação das sepulturas desta necrópole foi elaborada com base no levantamento anteriormente realizado. Nesse levantamento, porque não houve movimentação de solos, não foram registadas todas as sepulturas, que agora se descrevem.

Assim, registámos com uma letra apostada, a seguir ao número, as novas sepulturas identificadas.

Nestes trabalhos, para além de diversas equipas de alunos de várias universidades, contámos com a colaboração dos seguintes arqueólogos: Gerardo Gonçalves, Joana Vivas, João Parreira, Mafalda Capela, Mauro Constantino, Miguel Correia, Paulo Domingues, Sara Ramos.

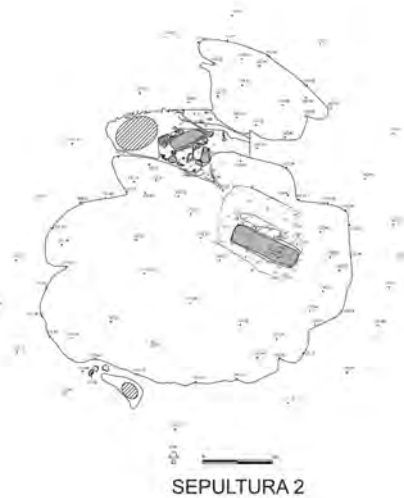
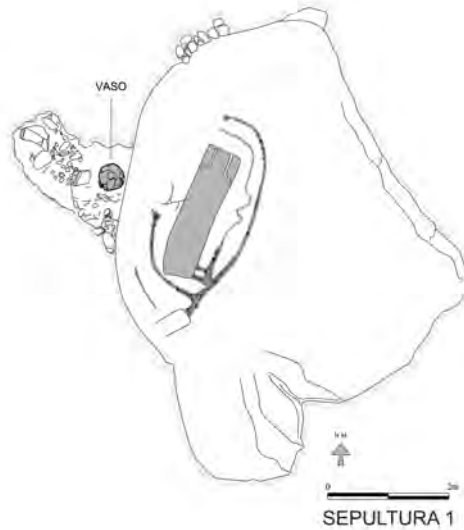
SEPULTURA I

A Sepultura I localiza-se sobre um afloramento granítico, junto à entrada principal da Coudelaria e possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614488; Y – 4342333; Geográficas: 007° 40'25.6'' W; 039° 13'19.5'' N.

Este túmulo apresenta uma orientação Norte-Sul (201°). Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura retangular, com 2,25 metros de comprimento e 0,60 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,40 metros. Define-se a cabeceira, através da modelação de ombros. Estes rasgam-se em cota inferior à moldura exterior.

Iniciaram-se os trabalhos de limpeza desta sepultura com a remoção das ervas em redor do afloramento onde esta se encontra. De seguida procedeu-se à remoção das terras húmidas que se depositavam no interior do sepulcro. À medida que se procedia à limpeza geral do afloramento, começaram a identificar-se vários abatimentos na rocha em torno do sarcófago. Estes abatimentos vieram a revelar a presença de uma lagareta que utilizou a sepultura como recetáculo principal. Vários canais conduzem, para o interior e para o exterior da sepultura,

os líquidos produzidos na parte superior do afloramento, quando este foi utilizado para prensagem e esmagamento, provavelmente, de azeitona.



Ao regularizar-se o terreno agrícola envolvente do afloramento, para melhor escoamento de águas, especialmente do lado Oeste, identificaram-se pedras que pareciam definir uma estrutura. Logo que detetada procedeu-se à marcação de uma rede de quadrículas organizada a partir de dois eixos ortogonais, orientados, respetivamente a Norte – Sul e Este – Oeste, magnéticos. Sob uma fina

camada de terra humosa reconheceu-se um muro muito destruído, obtido por pedra e argamassa muito pobre que delimitava uma área com abundantes cinzas. No interior deste aglomerado de cinzas veio a identificar-se a parte inferior de uma talha, *in situ*, muito fraturada e com sinais de ter sofrido longas e altíssimas temperaturas. A estrutura detetada parece corresponder a um muro de contenção de fogo, ou pára-vento. Os trabalhos agrícolas terão destruído a maior parte desta estrutura que poderá ter-se alargado mais para ocidente. A talha posiciona-se imediatamente abaixo de um entalhe no afloramento que se liga a uma caneira que acompanha a borda da sepultura. Parece, assim, não restarem dúvidas quanto à reutilização da sepultura como lagareta. O afloramento, na face oeste, apresenta-se muito degradado devido às fortes temperaturas que sofreu.

A estrutura envolvente do pote, constituída por argamassa muito pobre, pedra e argila, parece estender-se até à parte Noroeste do afloramento, onde existem, abertos na rocha, dois entalhes, verticais e paralelos. Estes entalhes terão, provavelmente, feito parte integrante do mecanismo de transformação e prensagem. Farão igualmente parte desse mecanismo, duas outras concavidades existentes no afloramento. A sudeste, na parte mais alta do afloramento, existe um pequeno orifício de forma cilíndrica, que poderia ter servido de apoio de um qualquer sistema auxiliar de prensagem. Também no mesmo afloramento, a sudeste do sepulcro, existe uma concavidade, de forma retangular, que teria servido de local de recolha dos líquidos resultantes da prensagem.

Perante a existência destas estruturas, os trabalhos prosseguiram de forma a facilitar a compreensão e conservação das mesmas. Procedeu-se à remoção da fragmentada talha mantendo-se inalterado o negativo para posterior musealização do espaço.

SEPULTURA II

A Sepultura II localiza-se na parte superior dum afloramento granítico e possui as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614359; Y – 4342250; Geográficas: 007° 40'31.0'' W; 039° 13'16.9'' N.

Este sepulcro apresenta uma orientação noroeste-sudeste (114°). Trata-se de uma sepultura de moldura retangular, sem identificação de cabeceira ou pés. Apresenta um comprimento de 2,00 metros e 0,72 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,36 metros.

Iniciaram-se os trabalhos de limpeza desta sepultura pela remoção do coberto vegetal em redor do afloramento onde esta se encontra. Durante esta remoção, apareceram alguns fragmentos cerâmicos atribuíveis ao período romano, nomeadamente *tegulla* e *dolium*, por entre as terras muito húmas que envolviam o afloramento. Ao mesmo tempo, limpou-se o musgo e líquenes do afloramento. O sepulcro apresentava-se cheio de água pluvial, algas e pedras. Também esta sepultura foi reutilizada como recetáculo de lagareta. Denota-se esta reutilização

pela superfície levemente côncava e aplanada que se localiza na parte superior do afloramento a norte do sarcófago. No fundo da sepultura registou-se um abatimento de forma sub-circular destinado à recolha da chamada “última gota”.

Num recanto que o afloramento apresenta na sua vertente Noroeste, notou-se a existência de algumas pedras que pareciam estar associadas entre si. Achou-se conveniente fazer aí uma sondagem, para uma melhor compreensão. Para o efeito, marcou-se uma quadrícula organizada a partir de dois eixos ortogonais, com orientação, respetivamente, Norte – Sul, Este – Oeste, magnéticos. Escavou-se a partir do limite Sul do afloramento, até ao eixo Este-Oeste. Os blocos de pedra (granito, grauvaque e quartzito) foram postos a descoberto na sua totalidade, constituindo uma pequena estrutura de combustão, comprovada pela existência de fraturas térmicas. Apareceram aqui fragmentos de cerâmica comum de contenção, de construção e faianças. São materiais datáveis desde a Idade Média (cerâmicas comuns e tijoleiras) até aos nossos dias (faianças modernas e cerâmicas de contenção). A maior parte destes materiais apresenta sinais de fogo. Esta estrutura de fogo poderá ter algum paralelo com a que se identificou na Sepultura I. Concluída a escavação desta estrutura procedeu-se ao seu aterro por não apresentar qualquer interesse, nem estabilidade para musealização.

SEPULTURAS III a), b), c)

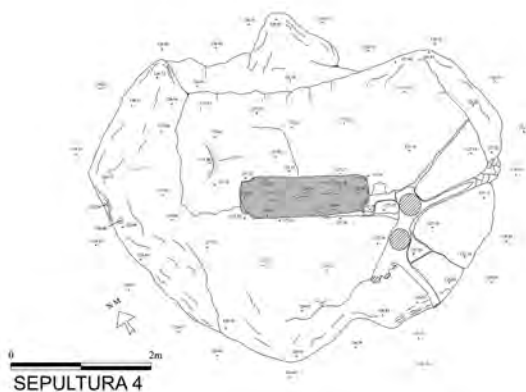
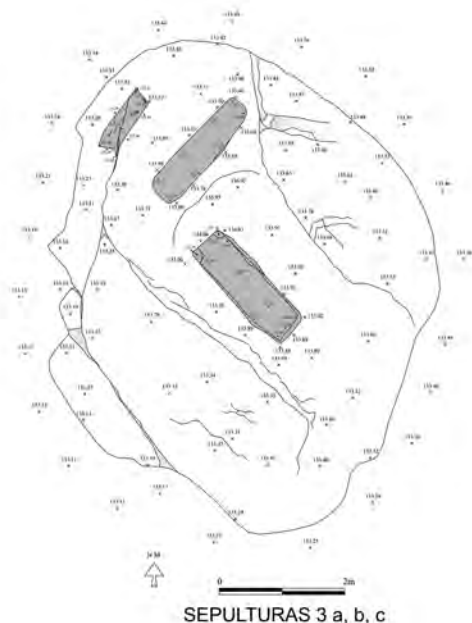
As Sepulturas III localizam-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614366; Y – 4342263; Geográficas: 007° 40'30.7" W; 039° 13'17.3" N.

A Sepultura III a) apresenta uma orientação Noroeste-Sudeste (136°). Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura retangular, de 2,00 metros de comprimento e 0,65 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,25 metros. Na sua morfologia demarca-se uma reentrância para a cabeceira e na zona dos pés o fundo eleva-se ligeiramente.

A limpeza desta sepultura iniciou-se com a remoção de terras e pedras de médio calibre, que estavam depositadas no seu interior. Também no interior da sepultura recolheram-se alguns materiais tais como cerâmica, faiança, vidro e metais. A presença de material de construção contemporâneo, fragmentos de telha com vestígios de argamassa de cal, sugere entulhamento intencional em época recente. Na face Este do afloramento removeram-se as terras aí depositadas pelas fainas agrícolas. Durante os trabalhos de limpeza, identificaram-se outros dois sepulcros. Foram-lhes atribuídas as designações de Sepultura III b) e Sepultura III c).

A Sepultura III b) está orientada no sentido Sudoeste-Nordeste (42°). Trata-se de uma sepultura de moldura retangular, com 1,97 metros de comprimento e 0,52 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,30 metros. Morfológicamente descreve uma grande inclinação e estreitamento no sentido

Nordeste. Durante a remoção de terras do seu interior, registaram-se pregos recentes em ferro.



A Sepultura III c) está, também, orientada no sentido Sudoeste-Nordeste (34°). Trata-se de uma sepultura de moldura retangular de pequenas dimensões, com 1,00 metro de comprimento e 0,35 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,13 metros. Este sepulcro poderá ter pertencido a uma criança, atendendo às suas reduzidas dimensões. Uma raiz atravessava o fundo da sepultura, na diagonal, tendo provocado a sua fratura.

SEPULTURA IV

A Sepultura IV localiza-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614214; Y – 4342208; Geográficas: 007° 40'37.1'' W; 039° 13'15.6'' N.

Este sepulcro apresenta uma orientação no sentido Noroeste-Sudeste (128°). Trata-se de uma sepultura antropomórfica de moldura sub-retangular, de 1,82 metros de comprimento e 0,55 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,40 metros.

Os trabalhos de limpeza desta sepultura resumiram-se, unicamente, ao retirar do musgo que cobria o afloramento, e ao abate do coberto vegetal em seu redor. A registar, na zona Noroeste do afloramento, a existência de uma covinha.

SEPULTURA V

A Sepultura V localiza-se num afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 614124; Y – 4342480; Geográficas: 007° 40'40.7'' W; 039° 13'24.4'' N.

Este sepulcro tem a orientação Noroeste - Sudeste (143°). Trata-se de uma sepultura retangular, com 1,93 metros de comprimento e 0,58 metros de largura máximos. A sua profundidade média é de 0,30 metros. Denota-se um regular afeiçoamento do rebordo da sepultura, provavelmente para assentamento de uma tampa.

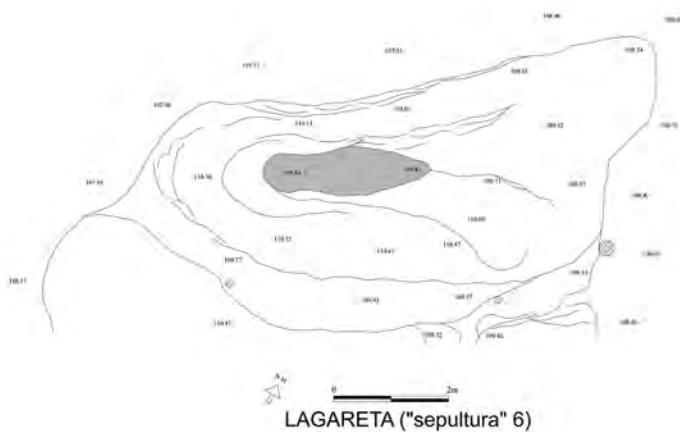
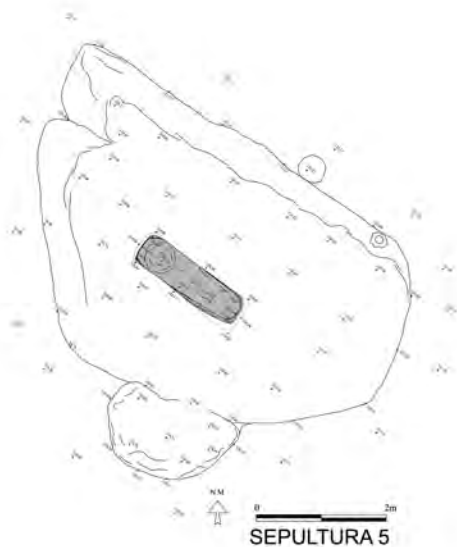
Os trabalhos de limpeza desta sepultura resumiram-se, unicamente, à remoção do musgo existente sobre o afloramento, ao abate do coberto vegetal em seu redor e à remoção das terras húmusas e pedras que se acumulavam no seu interior. Nessas terras muito revolvidas no interior do sepulcro identificou-se a parte inferior de uma bilha atribuível à Alta Idade Média, provavelmente contemporânea da utilização da sepultura. As múltiplas violações que terá sofrido provocaram a sua descontextualização e a ausência de porção significativa deste recipiente.

LAGARETA (“SEPULTURA” VI)

O arqueossítio identificado com Sepultura VI revelou-se, afinal, uma lagareta. Nota-se, de facto, algum trabalho antrópico no afloramento, formando uma zona de contenção e escoamento de líquidos, aproveitando a própria morfologia do afloramento.

Esta lagareta localiza-se sobre um afloramento granítico com as seguintes coordenadas, obtidas por GPS: UTM: X – 613817; Y – 4342270; Geográficas: 007° 40'53.6'' W; 039° 13'17.8'' N.

Os trabalhos desenvolvidos neste local resumiram-se à remoção de musgos e líquenes da superfície do afloramento. Retirou-se também algum coberto vegetal, na zona a Este, para tentar compreender o pequeno nicho natural que aí se encontra, e para melhorar as condições de acessibilidade.



CONCLUINDO

Se na área da Coudelaria os testemunhos romanos são muito reduzidos, já os vestígios da Alta-Idade-Média estão bem presentes, registados através das várias sepulturas escavadas na rocha. Este tipo de sepulcros, bem documentados em toda a Península Ibérica, mas insuficientemente estudados, parecem balizar-se, maioritariamente, entre o século VI e a Reconquista Cristã. No Norte-Alentejano estas sepulturas ocorrem, geralmente associadas, a pequenos núcleos urbanos, com casas de planta quadrangular, construídas em pedra, sem recurso a argamassas. No lapso de tempo em que são posicionáveis chegam a esta zona da península povos com origens diversas, continentais, mediterrânicos e norte-africanos. Trata-se de um dos períodos históricos menos estudados, especialmente, no que se reporta ao espaço rural, impossibilitando-nos de aventarmos qualquer origem cultural que as explique. No concelho de Marvão, Afonso do Paço, ao escavar o Povoado do Monte Velho, na freguesia da Beirã, onde ocorrem várias dezenas de sepulturas escavadas na rocha, incluídas numa ampla zona de *habitat*, recolheu uma telha, na qual estava gravada a mensagem (H)IC PAX (H)IC C(H)RIST(VS), *Aqui esteja a paz, aqui esteja Cristo*. Segundo Afonso do Paço, esta inscrição deverá balizar-se entre os séculos VI e o VIII (Paço 1949). Se quisermos estabelecer um paralelo com a necrópole da Coudelaria, poderíamos dizer que pela mesma altura, sobretudo na zona alta, na área do Reguengo, provavelmente no mesmo local onde se veio a constituir a aldeia com o mesmo nome e hoje desaparecida, terá existido uma comunidade que tumulava os seus mortos em sepulcros escavados nos afloramentos graníticos. Estes sepulcros que implicam um forte investimento na morte, seguramente que não eram generalizáveis a todos os membros da comunidade. Pelo investimento que implicava a realização deste tipo de túmulos, a eles apenas teria acesso uma elite da sociedade. Contudo, essa seleção não tinha em conta a idade do defunto, considerando que no afloramento da sepultura 3 identificou-se um sarcófago de criança, à semelhança do que ocorre noutros locais. Reconhece-se, também, que nos preceitos funerários que existiriam entre estas comunidades que assim tumulavam, não terá existido qualquer norma que obrigasse, como é comum a tantas e diversas culturas, a uma orientação regulamentar dos sarcófagos. Os túmulos orientam-se das formas mais díspares, procurando, acima de tudo, utilizar a superfície mais regular do afloramento onde se inscrevem.

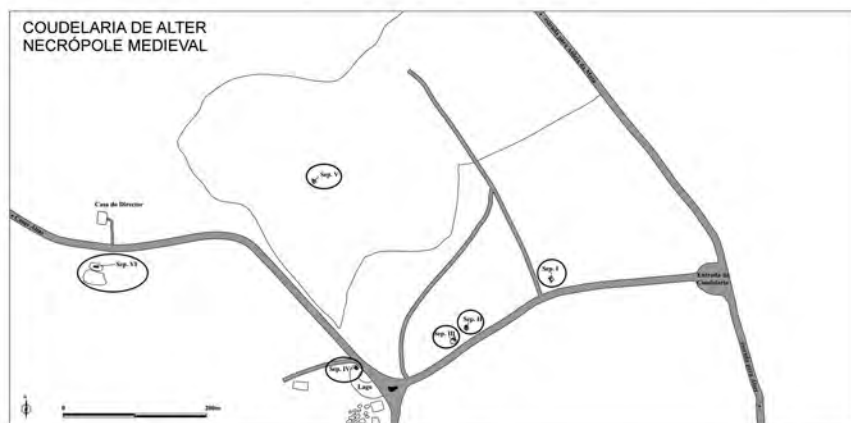
Uma moeda em prata, de Abederramão II, da dinastia Omíada, datável do século IX, cunhada em Córdoba, foi por nós encontrada nas terras superficiais do *Habitat* neolítico da Toca da Raposa. Esta moeda, tal como qualquer moeda encontrada fora de contexto, não nos permite tecer grandes considerações culturais, contudo, e por se tratar de espécime muito raro, nesta como noutras regiões, poder-nos-á permitir levantar a hipótese de que alguém com suficiente poder

económico, em vésperas da constituição do Califado de Córdoba, por aqui passou e se terá abrigado num acolhedor nicho da Toca da Raposa, onde terá perdido tão valiosa peça.

Tempos depois, quando a memória funerária das sepulturas escavadas na rocha já se havia perdido, provavelmente nos finais da Idade Média, dois destes túmulos da zona do Reguengo foram reutilizados como lagares. Nas sepulturas 1 e 2, a superfície adjacente no afloramento, foi rebaixada, formando um amplo, mas pouco profundo recetáculo que, através de canais abertos na pedra encaminhavam o conteúdo da área de prensagem para o interior da sepultura, funcionando esta como tanque principal. O sistema de canais da sepultura 1 é muito mais elaborado, reconhecendo-se, no final de um deles, um entalhe aberto na rocha, destinado a facilitar a recolha dos resíduos após a prensagem. No limite dos afloramentos onde se moldaram os lagares registaram-se estruturas de combustão. No interior da lareira anexa à sepultura 1 preservava-se, *in situ*, ainda que apresentando múltiplas fraturas, a parte inferior de um pote em cerâmica. A face interior apresenta-se ainda com claros sinais de gordura o que dificultou a sua estabilização primária. As terras envolventes da lareira, onde abundavam muitas cinzas, foram submetidas a análise, tentando-se identificar alguma partícula que nos indicasse que frutos seriam transformados neste lagar. As altas temperaturas que a lareira atingiu não possibilitaram a preservação de qualquer amostra que nos esclarecesse o fim a que se destinavam estes lagares. Pela gordura acumulada no pote recolhido junto à sepultura 1, poderemos afirmar que se destinariam à produção de azeite, não sendo, de excluir, igualmente, a produção de vinho. A presença da lareira e do pote, como partes integrantes do processo de transformação, reforçam a possibilidade de se destinarem, essencialmente, à produção de azeite, fundamentais para separar este produto das vulgarmente denominadas águas russas. A existência destes lagares artesanais, com fraca capacidade produtiva, em espaço rural, maioritariamente atribuídos aos finais da Idade Média e Idade Moderna, igualmente conhecidos noutros locais, poderão estar diretamente relacionados com a fuga ao pagamento do dízimo devido por esta atividade. Reconheçamos que, desde a chegada dos romanos, foram introduzidas novas formas de produção de azeite, muito mais expeditas e produtivas do que a tecnologia reconhecida nestes lagares, que muito se aproxima da que se identifica em ambientes da Idade do Ferro. Mas a presença destes lagares atribuíveis à Idade Média, permite-nos afirmar que, pelo menos a zona alta da Coudelaria manteve presença humana, durante esse período. Terá sido, igualmente, por essa altura que o pequeno povoado que remontaria à Alta Idade Média se começa a estruturar num núcleo urbano com maior dimensão, permitindo constituir-se, pouco tempo depois, como paróquia autónoma. Se as nossas deduções estiverem corretas, terá sido por ordem de D. Pedro I que se terá erguido no Reguengo, propriedade régia desde a Reconquista, a Igreja de S. Bartolomeu e posteriormente a freguesia do Reguengo, hoje extinta.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, R.; FERREIRA, J. T. (1947) Elementos para a História da Coudelaria de Alter. *Boletim Pecuário* 1.
- BARRETO, M. S. *et alii* (1978) Arqueologia Romana do Concelho de Alter do Chão. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da AAP*, Lisboa.
- CALADO, R. S. (1944) *Alter do Chão – Uma das vilas mais interessantes do Alentejo*. Imprensa Lucas.
- DUQUE, D. (2005); Resultados antracológicos de los yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chão y su integración en las secuencias paleoecológicas y paleoambientales de la Prehistoria reciente del Suroeste peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueología* 8 (1).
- FALCÃO, J. A.; PEREIRA, F. A. B. (1996) *A Imagem Gótica da Igreja de São Bartolomeu da Serra (Santiago do Cacém)*. Beja.
- INÁCIO, A. C. (1992) O actual Concelho de Alter do Chão nas Memórias Paroquiais de 1758. *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre* 7 (Nova Série).
- KEIL, L. (1943) *Inventário Artístico – Distrito de Portalegre*, Lisboa.
- OLIVEIRA, C. (2000) *Relatório do Trabalho de Prospecção Arqueológica na Coudelaria de Alter*, Abril/Junho [relatório policopiado].
- OLIVEIRA, J. de (2006). *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter*. Lisboa.
- (2011a) The early Neolithic of the “Coudelaria de Alter” in the Context of the Megalithism of Northern Alentejo Region – Portugal. *From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region*, BAR IS 2219 Oxford.
- (2011b) Coudelaria de Alter – 3 anos de trabalhos arqueológicos. *Actas das 3as Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*.
- PAÇO, A. (1949) Inscrição Cristã do Monte Velho (Beirã-Marvão). *Brotéria*, Vol XLIX.
- RIBEIRO, T. (1998) *O Município de Alter do Chão nos finais do séc. XVIII*, Lisboa.



Reconstituição da reutilização da Sepultura 1 como lagar.

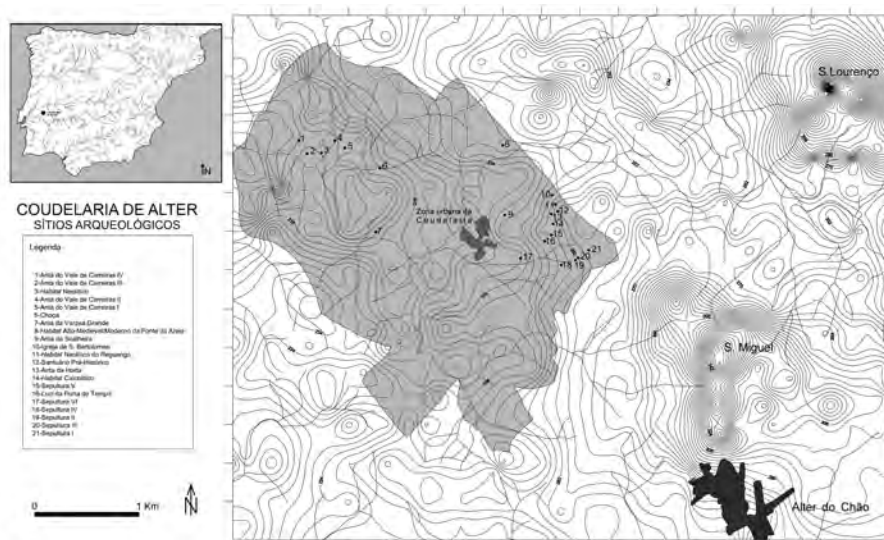


Figura 1 – Sepultura 1 antes da escavação.



Figura 2 – Identificação do lagar anexo à Sepultura 1.



Figura 3 – Vista geral da Sepultura 1 após a escavação.



Figura 4 – Vista geral da Sepultura 2 antes da escavação.



Figura 5 – Identificação do lagar anexo à Sepultura 2.



Figura 6 – Sepultura 3 antes da escavação.

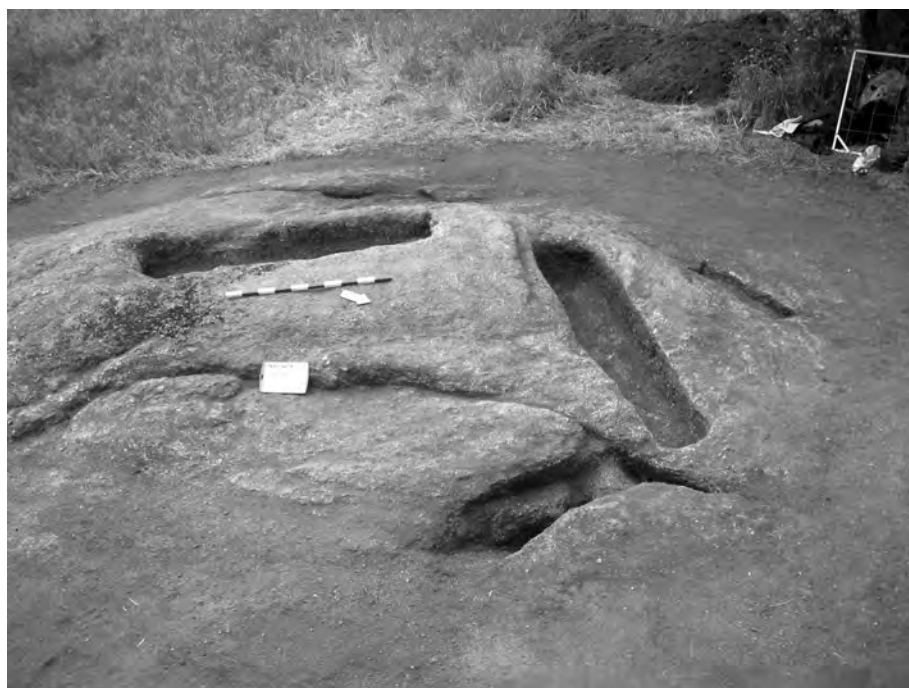


Figura 7 – Vista geral das Sepulturas 3 a, b e c.



Figura 8 – Limpeza da Sepultura 4.



Figura 9 – Vista geral da Sepultura 4.



Figura 10 – Sepultura 5.



Figura 11 – Lagareta (“Sepultura 6”).



Figura 12 – Moeda de prata de Abederramão II encontrada nas imediações da Necrópole.

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO HUMANITAS SUPPLEMENTUM

1. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 1 – Línguas e Literaturas. Grécia e Roma* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
2. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 2 – Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
3. Francisco de Oliveira, Jorge de Oliveira e Manuel Patrício: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3 – História, Arqueologia e Arte* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2010).
4. Maria Helena da Rocha Pereira, José Ribeiro Ferreira e Francisco de Oliveira (Coords.): *Horácio e a sua perenidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
5. José Luís Lopes Brandão: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
6. José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Tröster and Paula Barata Dias (eds): *Symposion and Philanthropia in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
7. Gabriele Cornelli (Org.): *Representações da Cidade Antiga. Categorias históricas e discursos filosóficos* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/Grupo Archai, 2010).
8. Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues (Coords.): *Sociedade, poder e cultura no tempo de Ovídio* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC/CH, 2010).
9. Françoise Frazier et Delfim F. Leão (eds.): *Tychè et pronóia. La marche du monde selon Plutarque* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, École Doctorale 395, ArScAn-THEMAM, 2010).
10. Juan Carlos Iglesias-Zoido, *El legado de Tucídides en la cultura occidental* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, ARENGA, 2011).
11. Gabriele Cornelli, *O pitagorismo como categoria historiográfica* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
12. Frederico Lourenço, *The Lyric Metres of Euripidean Drama* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
13. José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
14. Carmen Soares & Paula Barata Dias (coords.), *Contributos para a história da alimentação na antiguidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).

15. Carlos A. Martins de Jesus, Claudio Castro Filho & José Ribeiro Ferreira (coords.), *Hípólito e Fedra - nos caminhos de um mito* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
16. José Ribeiro Ferreira, Delfim F. Leão, & Carlos A. Martins de Jesus (eds.): *Nomos, Kosmos & Dike in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
17. José Augusto Ramos & Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Mnemosyne kai Sophia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
18. Ana Maria Guedes Ferreira, *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
19. Aurora López, Andrés Pociña & Maria de Fátima Silva, *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
20. Cristina Pimentel, José Luís Brandão & Paolo Fedeli (coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
21. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas & Rosa Sanz Serano (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
22. Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
23. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & JoséLuís Brandão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. I – Dos saberes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 282 p.
24. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim Leão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. II – Dos poderes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 336 p.
25. Joaquim J. S. Pinheiro, *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 458 p.
26. Delfim Leão, Gabriele Cornelli & Miriam C. Peixoto (coords.), *Dos Homens e suas Ideias: Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013).
27. Italo Pantani, Margarida Miranda & Henrique Manso (coords.), *Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
28. Francisco de Oliveira, Maria de Fátima Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (coords.), *Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade* (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
29. Priscilla Gontijo Leite, *Ética e retórica forense: asebeia e hybris na caracterização dos adversários em Demóstenes* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).

30. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. - Volume I (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
31. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. - Volume II (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
32. Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão, Maria Aparecida de Oliveira Silva (coords.), *Plutarco entre mundos: visões de Esparta, Atenas e Roma* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
33. Carlos Alcalde Martín, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *O sábio e a imagem. Estudos sobre Plutarco e a arte* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
34. Ana Iriarte, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).
35. Ana Maria César Pompeu, Francisco Edi de Oliveira Sousa (orgs.), *Grécia e Roma no Universo de Augusto* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).
36. Carmen Soares, Francesc Casadesús Bordoy & Maria do Céu Fialho (coords.), *Redes Culturais nos Primórdios da Europa – 2400 Anos da Fundação da Academia de Platão* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
37. Claudio Castro Filho, “*Eu mesma matei meu filho*”: *poéticas do trágico em Eurípi-des, Goethe e García Lorca* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
38. Carmen Soares, Maria do Céu Fialho & Thomas Figueira (coords.), *Pólis/Cosmópolis: Identidades Globais & Locais* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
39. Maria de Fátima Sousa e Silva, Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho & José Luís Lopes Brandão (coords.), *O Livro do Tempo: Escritas e reescritas. Teatro Greco-Latino e sua recepção I* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
40. Maria de Fátima Sousa e Silva, Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho & José Luís Lopes Brandão (coords.), *O Livro do Tempo: Escritas e reescritas. Teatro Greco-Latino e sua recepção II* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
41. Gabriele Cornelli, Maria do Céu Fialho & Delfim Leão (coords.), *Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).

42. Nair de Nazaré Castro Soares, Cláudia Teixeira (coords.), *Legado clássico no Renascimento e sua recepção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2017).
43. Françoise Frazier, Olivier Guerrier (coords.), *Plutarque. Éditions, Traductions, Paratextes*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2017).
44. Cláudia Teixeira, André Carneiro (coords.), *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2017).